

O último urso-polar
romance

Título: O último urso-polar

Autor: Felix Richter

Revisão: Luiz Sérgio Charles

Ilustração de Capa: Cláudio Parreiras

1 Edição, Rio de Janeiro, 2011

Copyright: Felix Richter - Todos os direitos reservados

Editora: Céu Azul de Copacabana Editora Ltda.

www.colorfotos.com.br

firma@colorfotos.com.br

0055-21-2267-2827

Impressão: Geográfica

R395u

Richter, Felix, 1975-

O último urso-polar : romance / Felix Richter. - Rio de Janeiro : Céu Azul de Copacabana, 2011.
150p.

ISBN 978-85-87467-28-7

1. Romance brasileiro. I. Título.

11-0444.

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

25.01.11 26.01.11

024112

Nota do Revisor: Para caracterizar os personagens, o autor quebrou, por diversas vezes, o padrão da norma culta da língua portuguesa, modificando tempos verbais, colocação pronominal e regras de pontuação. O leitor atento poderá estranhar, de início, esta liberdade, mas ao término do livro entenderá que a confusão gerada é indispensável à caracterização dos personagens.

Esta é uma obra de ficção. Os personagens e situações desta obra não fazem referência a ocorrências e fatos, sendo qualquer semelhança com a realidade uma mera coincidência.

“Ó homem, conhece-te a ti mesmo e
conhecerás os deuses e o universo.”

(Oráculo de Delfos)

Parte I - A lama

A noite era pior que o dia, embora o dia, de início, fosse insuportável. À noite as cobranças cediam, o telefone se calava, e as obrigações sucumbiam na insignificância de um mundo que, por um lado, cobra insaciavelmente, por outro, dá-se o direito de parar à noite. O encargo, a tortura insana de ser forte, terminava ao pôr do sol, e por toda uma noite eu conquistava a liberdade de esquecer a ópera do convívio social, na qual cada um de nós cumpre rigorosamente o papel que lhe foi prescrito. Advogado, doutor, filósofo, divorciado, gentil, desocupado, sincero ou independente. Ao amanhecer vestimos, dia após dia, a mesma máscara, que se molda com tamanha precisão a nossos rostos, criando a dúvida, quando nos olhamos no espelho, se é a máscara a nos encarar ou se estamos observando a nós mesmos. Quando retornava a casa após um dia exaustivo, provando ao mundo que sim, continuaria no papel do executivo, o alívio de poder ser eu deveria ser alívio, mas era o tormento de aceitar a realidade: meus amores estavam mortos.

Eu preferia o ventilador de teto ao ar condicionado. O ar condicionado desarma assim que a temperatura se estabiliza, mudando o ruído, distraindo a tentativa de focar no nada. Descobri também que a luz de cabeceira facilita afastar o pensamento. A visão embaraçada das pás do ventilador formando um redemoinho entorpece. Vez a vez os olhos acompanhavam uma única pá por alguns instantes, quebrando o desenho do redemoinho, mas imediatamente

a imagem giratória se recompunha.

Aconteceu no domingo, numa lanchonete no subúrbio. Era dia de jogo de futebol. Meu único filho, de oito anos, terminara o sorvete e aguardava a mãe, minha mulher, a terminar o dela. Estávamos sentados numa mesa para quatro pessoas no meio do salão, meu filho e minha mulher de um lado, eu do outro, a cadeira a meu lado, vazia. Um homem perguntou se poderia pegar a cadeira vazia. Fiz que sim. Alguém gritou “gol”, alguns comemoraram, outros se chatearam. Um homem próximo à entrada da lanchonete exagerou na comemoração, ofendendo aqueles que torciam pelo time que levava o gol. O homem que pediu a cadeira emprestada se ergueu e ordenou ao homem da porta que se calasse. Iniciou-se um violento bate-boca, eu e minha família no meio. De repente, o homem da porta sacou um revólver e atirou em nossa direção. O homem da cadeira se jogou no chão e virou uma mesa, erguendo uma barreira contra os tiros. Alguns instantes, e a mão do homem da cadeira surgiu por cima da mesa virada, segurando uma pistola; disparou três tiros cegos. Dois acertaram meu filho, o terceiro, minha mulher. O homem da porta correu. Tudo ficou confuso, nebuloso, eu os abraçava, eu berrava, pessoas me afastavam. A polícia, a ambulância, os bombeiros. Eles morreram.

Conheci minha mulher numa torta de chocolate. Aos 33 anos, eu era CEO¹ de uma das maiores multinacionais do mundo, e a turma do escritório não perdoava minha solidão. Não namorava, tinha poucos amigos e nenhum contato com parentes; a vida se resumia ao trabalho. Então, no festejo surpresa de meu aniversário, organizado

pelos colegas de trabalho, uma linda modelo saiu de dentro da torta, fazendo uma performance, cantando parabéns pra você, de lingerie. O que deveria ser provocação e brincadeira foi amor à primeira vista, de minha parte. Ela de início se encantou com o prestígio que minha posição trazia; aos poucos, encantou-se comigo também. Casamos um ano adiante; outros dois anos e nosso filho nasceu. Nos oito anos seguintes, minha vida se resumiu a trabalhar de segunda a sexta-feira, para desfrutar os finais de semana com mulher e filho. Uma vez ao ano, fazíamos uma viagem de férias para algum lugar remoto no planeta.

Às vezes tenho a certeza de que vi os projéteis irrompendo da pistola e acertando meus amores. Vi de forma tão nítida e lenta, que teria dado tempo de arrancar filho e mulher das trajetórias. Isso me enlouquece. Sei que é impossível, mas como tenho a memória visual de algo que não se vê? Eu me arrependo de ter cedido a cadeira ao homem; teria a negativa mudado o alvo dos tiros? Naquele dia ocorreu um engarrafamento, perdemos 20 minutos devido a um pequeno acidente de trânsito que congestionou o bairro. Não fosse pelo acidente, teríamos chegado à lanchonete 20 minutos antes e partido a tempo de escapar ao tiroteio – a história de minha vida seria outra. Sei que muitos pensadores já refletiram sobre a relação do tempo com os acontecimentos, tornando o assunto um clichê de filosofia de boteco, mas é chocante como um simples congestionamento transforma o mundo. Não, não é exagero dizer que aquele acidente mudou o mundo, nada mais seria como antes. Foi uma repetição do Big Bang, e milhares de Big Bangs provavelmente ocorrem a cada instante, uns maiores, outros menores, aquele em particular foi grande.

O Jardim Botânico também teria me salvo. Estávamos indecisos entre tomar um sorvete na lanchonete ou passear no Jardim Botânico; eu queria o Jardim Botânico, minha mulher o sorvete: o voto de minerva veio de meu filho.

Como seguir após tamanha desgraça? Trabalhando de dia, observando o ventilador de noite. Minha vida, antes trabalho e família, agora era trabalho e ventilador. Algumas vezes o teto do quarto se pintava de cinza-chumbo, tiros cortavam o ar e sangue pingava do ventilador; outras, as paredes se contraíam e me roubavam a respiração. Eu não dormia propriamente dito, tampouco passava as noites em claro. Era uma espécie de hipnose em que o pensamento descansava enquanto a mente prosseguia insaciavelmente, reprisando o confronto na lanchonete de todos os ângulos possíveis, da visão dos atiradores, do teto, de meu ponto de vista, do ângulo de meu filho, através dos olhos de minha mulher. E ao tocar do despertador às seis da manhã em ponto, eu levantava de certa forma descansado, embora com a impressão de não ter dormido por um único minuto.

Na multinacional eu quebrava uma meta após a outra. Na tentativa de escapar às dores, aprendi a focar com tamanho rigor o trabalho, que oito meses após a tragédia, fui considerado o CEO do ano por duas importantes publicações financeiras. Diversas multinacionais brigavam por meu passe – não pensava em mudar de empresa. Queria somente um ritmo que me livrasse de memórias, mas elas sempre retornavam. Às vezes durante reuniões, retirava-me ao banheiro para cair no choro profundo; lavava o rosto e retornava, como se nada houvesse de errado. Não trabalhava madrugada adentro; havia um limite no

tempo em que minha mente conseguia abstrair as dores. Ao término de um dia de trabalho, eu precisava do ventilador.

Sou o tipo sozinho no mundo, sempre fui, tive mulher e filho, tornei a ser só. Meus pais faleceram de forma natural quando eu tinha 30 anos, e a única parente que restara era uma irmã que morava no outro lado do mundo. Raramente trocávamos correspondência e nunca nos visitávamos. Ela não compareceu ao enterro de meus amores, pois não a avisei. Quando ela soube, um mês depois, ligou-me, e tivemos uma conversa carinhosa, porém distante. Sugeri que eu fizesse análise, disse que sim e tentei. Foram duas sessões até a descoberta de que a melhor das análises era o ventilador de teto.

Um ano após perder mulher e filho, iniciou-se uma fase dolorida na justiça, pois uma complexa investigação terminara, e chegara o momento de tipificar os crimes dos envolvidos no tiroteio. O que na minha cabeça era simples – dois homens trocaram tiros por motivos fúteis e mataram meus amores – tornou-se um tango regido por interesses e brechas legais. Para início de conversa, ambos eram policiais, um deles, o que matou meus amores, condecorado. Estavam a serviço no momento do tiroteio; tinham, portanto, autorização para portar e fazer uso de armas. O policial que iniciou a discussão trabalhava infiltrado numa torcida organizada de futebol, e mostrar exagero nas comemorações fazia parte de seu personagem. O policial que pediu a cadeira emprestada cumpriu com

seu dever de homem da lei ao exigir que o suposto torcedor cedesse às ofensas; errou apenas por não se identificar verbalmente como policial, ao invés de ordenar respeito como se fosse um cidadão comum. No calor da discussão, o policial da cadeira teria finalmente tentado mostrar a insígnia ao suposto torcedor, fazendo um movimento que duas testemunhas descreveram como ameaçador, pois teria passado a impressão de que ele iria sacar uma arma. O policial da porta reagiu atirando no reflexo da profissão e, embora eu tivesse a certeza de que ele atirou para matar, argumentou que foram tiros de alerta mirando a parede, para que o policial da cadeira se jogasse ao chão, possibilitando a fuga ao policial da porta sem comprometer o disfarce. O policial da cadeira, por sua vez, sustentou que revidou os tiros em legítima defesa e no fiel cumprimento do dever. Disse também que mirava no homem da porta, mas que, no momento em que apertou o gatilho, minha mulher e meu filho se moveram para a trajetória dos projéteis. Mentira! Além de meu depoimento, não havia ninguém para contestar essa versão. Eu vi, eu estava lá! O policial revidou às cegas, sem olhar para onde atirava.

Realizou-se uma audiência, em que uma juíza avaliaria se os dois policiais iriam a julgamento. Comparecemos: eu, meu advogado, o delegado que conduzira o inquérito, os dois policiais envolvidos no tiroteio, advogados de defesa e um representante do ministério público. Não gostei daquela juíza; era o tipo de mulher que na gíria seria taxada de comunista. Olhava-me com desprezo, certa de que as multinacionais seriam o câncer da sociedade. Só faltava me dizer o famoso aqui se faz, aqui se paga ou outra sandice do gênero. Pela janela vi uma folha de outono, marrom,

crespa e curva, sendo perturbada por um vento tímido, até se desprender do galho e planar rumo ao chão; mas antes que escapasse de meu campo limitado de visão, uma rajada forte tornou a erguê-la, e subiu para o céu, lugar ao qual pertencia. O delegado foi o primeiro a se pronunciar, disse um monte de asneiras e recomendou que os policiais não fossem a julgamento. O representante do ministério público, cujo papel, a princípio, seria o de acusar os atiradores, seguiu a recomendação do delegado, afirmando que o incidente fora uma lamentável tragédia. Era um dia cinza, e uma gota d'água se chocou contra a janela; então um breve silêncio, todos respiraram fundo, e a chuva caiu com força. Imaginei aquela folha solitária exposta à fúria do tempo e percebi que a folha era eu. Quis ir embora, sabia que os policiais seriam absolvidos, sequer iriam a julgamento, mas algo me prendia à cadeira, como talvez aquela folha estivesse presa em alguma poça de lama. A juíza, após um breve discurso ornamentado no qual lamentou minha perda, inocentou o policial que iniciou o tiroteio, argumentando que ele não poderia ser responsabilizado pelas mortes, uma vez que somente disparou tiros de alerta, depois de sentir-se ameaçado pelo movimento brusco do outro policial. Recomendou apenas que passasse por uma reavaliação e que tivesse acompanhamento psicológico. O policial que matou meus amores tampouco poderia ser responsabilizado, por agir em legítima defesa após ser agredido a tiros. Ninguém iria a julgamento. Caso encerrado. E quando um sopro de vento ergueu a folha para o último voo, arremessei um copo de água na juíza, e ela me deu voz de prisão. Meu advogado interveio com inteligência, disse que seria um prato cheio para a imprensa

que, além de se inocentar os assassinos da família do mais importante CEO do país, eu ainda sairia algemado da audiência. Ela ponderou, disse que entendia minha dor e assim perdoaria meu gesto. Retirou-se da audiência. Os policiais inocentados se cumprimentaram, abraçaram os advogados e retiraram-se também, pois pressentiam que eu poderia me tornar violento. A folha certamente retornou à lama, de onde nunca mais sairia, pois o próximo sol a transformaria em pó, e seria terra daqui para frente, tornando-se lama a cada chuva.

O último urso-polar. Alguém anônimo escrevia um blog do suposto ponto de vista do último urso-polar no mundo. Ler aquele blog me acalmava.

Meu mundo é branco. Eu sou branco, a luz é branca, o céu é branco, a neve é branca, o gelo é branco. Aqui no polo, até mesmo o vento é branco. Passo dias só enxergando o branco, e há momentos em que me questiono se realmente existo, mas a fome me traz de volta ao mundo. Só vejo a cor quando me alimento, o vermelho do sangue, e é o vermelho que me faz lembrar de um mundo onde sofro e faço sofrer. Sou o único que restou de minha espécie. Na solidão diária, vejo o planeta derreter. Vocês humanos causaram nossa extinção. Às vezes questiono se tivemos alguma culpa, afinal, ninguém é vítima somente. Fomos demasiadamente agressivos? Excessivamente soberbos? Busco me culpar, evitando assim culpar a humanidade, mas está difícil. Como inocentar quem é incapaz de aprender com os erros, incapaz de recuar pelo bem coletivo? Como inocentar um mundo onde o todo se destrói pela simples ignorância de não perceber

que é um todo, acreditando que hábitos e metas podem ser individuais, cego para o fato de que a busca da individualidade nada mais é que o suicídio do todo? O branco ofusca a visão, a solidão é minha única companhia.

Entreguei o cargo na multinacional pouco depois da absolvição dos policiais. Percebi que a ocupação era um remédio tolo para um mal irremediável. Dinheiro nunca faltaria, eu era rico, então por que trabalhar? Mudei-me para um pequeno apartamento e troquei o dia pela noite. Contratei uma única empregada doméstica, cuja incumbência era cuidar do apartamento sem importunar-me. Ela chegava de manhã cedo, arrumava a casa, fazia as compras, preparava refeições e partia ao final do dia. Apenas nos comunicávamos através de bilhetes: eu deixava instruções anotadas num bloco na cozinha, ela tirava eventuais dúvidas pela mesma via. Ao fim do mês, depositava o salário da doméstica numa conta bancária. Eu somente saía de minha suíte após o escurecer, quando ela já havia ido embora. O ventilador agora rodava durante o dia, às vezes também à noite.

Certa vez – difícil dizer que noite era – algo entre quatro a seis meses após a desastrosa audiência, decidi sair à rua. Chovia. Resguardado por um guarda-chuva preto, observei o espelho de luzes na calçada escorregadia e cinza. Senti-me num filme de arte: o cenário cinzento sendo moldado por luzes foscas e tímidos reflexos. Poucas pessoas cruzavam meu caminho e pareciam estranhamente próximas. Uma senhora de sobretudo carregava duas sacolas, leves para qualquer um, pesadas para ela. O cabelo grisalho grudava-lhe no rosto encharcado, e as pernas se inclina-

vam a cada passo, como as de um equilibrista na corda bamba, longe do glamour da plateia, no exercício diário na tenda opaca. Dois mendigos protegidos por uma marquise me pediram esmola, encarei-os com desprezo, que atrevimento, somos todos almas sofridas na noite chuvosa. Éramos o pó da folha que na chuva se tornava lama, tendo a função de afundar alguém ou alguma coisa, e no meu caso específico, afundaria a mim mesmo.

Quando dei por mim, caminhava por uma área de prostituição. Alguns bêbados solitários se aglomeravam num bar, uns falando de si para si mesmos, outros ouvindo o choro silencioso das almas. Pedi uma dose de destilado, outra e outra, até que as pernas me levaram adiante pelas ruas alagadas. Notei uma moça na luz de um dos raros postes, cobria-se com um singelo guarda-chuva vermelho, e perguntei o que ela ali fazia “deixa de conversa, homem, o preço é tanto, vai querer ou não?”. A jovem mulher era bonita em demasia para os padrões de prostitutas de beco. Não que eu conhecesse alguma, mas sempre as imaginara gordas, com cicatrizes e peles manchadas. Quando ainda CEO, vi prostitutas em books de agências especializadas, nunca as contratei, o pessoal da empresa contratava, musas lindas e perfeitas, selecionadas para os altos executivos. Então eu me perguntava como seriam as prostitutas de rua, de becos decadentes, as disponíveis a qualquer um, e concluía que deveriam ser medonhas. O fator circunstância é igualmente necessário em qualquer caminho. É um grande engano dizer que eu era o mais hábil e inteligente dos executivos e assim me tornei o CEO do ano. Evidente que é necessário ser excepcional para chegar ao topo, igualmente a prostituta precisa ser deslumbrante para estar

no book dos executivos, mas a beleza em si não era garantia de sucesso à prostituta, assim como minha habilidade por si só não me garantiu o cargo de CEO. Há algo além das qualificações e das aparências.

A prostituta. Respondei que sim, aceitava o preço, onde é que seria o encontro. Ela riu debochada “não tem encontro algum, apenas sexo”. Havia um hotel no outro lado da rua, e ela me conduziu ao quarto após cobrar adiantado. A decadência tem encantos; aquele quarto de hotel barato foi o lugar mais verdadeiro que visitei havia muito tempo, talvez em toda a minha vida, minto, o altar, no dia de meu casamento, foi de verdade igual. No exercício de minha profissão, conheci uma infinidade de países nos cinco continentes, nunca porém absorvi as culturas locais. O traslado era: aeroporto, hotel, reunião, hotel e aeroporto. Nas viagens em família nos internávamos em algum resort de luxo sem saber ao certo em que país estávamos. Nunca bati pernas nas tantas cidades que visitei e tampouco interagi com as populações. Viajei o mundo sem conhecer lugar algum. Até a morte de meus amores, minha vida limitou-se à redoma ilusória das fortunas, onde tudo é como se espera, e pequenas desordens vêm acompanhadas de insistentes pedidos de desculpas, como se o mundo seguisse um conceito único de perfeição e tolerância.

O hotel. No quarto apertado o carpete bege um dia fora branco. A cabeceira da cama de casal roçava a parede, e o lençol furado aparentava estar limpo. O espelho, exatamente como se imaginaria num hotel barato, trincado e com manchas de mofo. Uma cortina de tecido transparente deixava a luz do poste invadir o espaço, o mesmo poste sob o qual recolhi a prostituta. Não sei dizer se a

cortina era transparente para tornar o quarto enigmático ou se por desleixo, mas era indispensável ao momento. A moça acendeu a luz, fiz sinal de que a apagasse. Ela obedeceu, murmurou algum descontentamento, tirou a roupa e deitou-se sobre a cama. Estava pálida, e os lábios claros se perdiam no rosto. A chuva desmanchara a maquiagem, restando alguns traços pretos acumulados nas olheiras. O corpo, embora esplêndido, parecia morto e quebradiço. Pedi que se banhasse, vi que aquele organismo carecia de água, como as flores desidratadas nos vasos ressecados. Ela disse que não daria tempo “o programa é curto”. Pensei em triplicar o valor combinado, mas examinando a situação concluí que aquele corpo murcho fazia parte do cenário e que qualquer alteração poderia romper a decadência que tanto me encantava “não tenho a noite toda, preciso voltar pro ponto” e também eu me despi. Deitei-me sobre a moça e iniciei um ato solitário, ela não interagiu, nem sequer me encarava, virou a cabeça de lado e fitou a porta. Terminei após três estranhos minutos e quando dei por mim ela escapava pela porta sem dizer adeus ou até logo, enquanto eu examinava o teto procurando por um ventilador, mas apenas encontrei uma goteira.